

## O FUTURO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS NOVAS FRONTEIRAS DO ENSINO: ENTREVISTA COM MARCOS BAGNO

Amanda Lopes Bezerra

<https://orcid.org/0000-0003-1756-7989>

Universidade Federal de Campina Grande

Beatriz Farias Almeida

<https://orcid.org/0000-0002-9792-3703>

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande

Denise Lino de Araújo<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>

Universidade Federal de Campina Grande  
[denise.lino@professor.ufcg.edu.br](mailto:denise.lino@professor.ufcg.edu.br)

A entrevista a seguir é fruto da disciplina eletiva Estudos do Português Falado, ministrada no período 2023.2, para os discentes do curso de Licenciatura em Letras Português do Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba. O trabalho final deste componente curricular envolveu a turma em um processo de formulação, roteirização, realização e retextualização de uma entrevista. Este último realizado pelos envolvidos com o auxílio da inteligência artificial<sup>2</sup> para a transcrição e reorganização das falas.

Este trabalho é resultado de uma imersão inicial no tema o *Português falado no Brasil*. Durante esse processo, encontramos com diversas obras do linguista e professor pesquisador Marcos Bagno<sup>3</sup>, da Universidade de Brasília (UNB), que gentilmente aceitou participar de uma entrevista via *Google Meet*<sup>4</sup>. Considerando sua relevância como um dos principais linguistas brasileiros da atualidade, dispensamos a apresentação de seu perfil, entretanto, sugerimos ao leitor que consulte o currículo Lattes do entrevistado, indicado no rodapé.

Pedimos aos leitores que compreendam este texto como uma síntese de aprendizados que lança questões pertinentes à formação de professores de Língua Portuguesa. Tendo essa perspectiva em vista, organizamos o conteúdo em três blocos, a saber: (1) Pontos de contato e diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu; (2) Características específicas do Português Brasileiro; e, (3) Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Além das organizadoras, participam como entrevistadores: Breno Silva Andrade; David Naama Melo de Figueiredo; Francielle Loiola Ramos; Jaine Gomes dos Santos; Joao Marcos de Sousa Rodrigues; Josefa Arruda Silva Neta; Manuela Stefani Tomaz Joaquim; Maria Fernanda dos Santos Araújo; Marta Lidia Linhares Pereira; Nathalia Gabriely do Nascimento Silva; Nielson Juan Pinheiro Rodrigues, Valbiana Rocha da Silva.

<sup>2</sup> Foram usados os seguintes recursos de IA para transcrição: Transkriptor. A primeira versão da retextualização foi feita com auxílio do auxílio do ChatGPT. A versão final, a correção linguística e ordem das perguntas é de responsabilidade das organizadoras.

<sup>3</sup> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9975840620597737>.

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 06 de maio de 2024.

## **Bloco I - Pontos de contato e diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu**

**Beatriz Almeida:** Para começar, Professor, gostaríamos de saber: em que nível linguístico se concentram as principais diferenças entre o Português falado no Brasil e em Portugal?

**Marcos Bagno:** Essa é uma pergunta complexa, apesar de parecer simples. Nós temos a ilusão de que se tratam de uma mesma língua por causa de uma forte tradição grafocêntrica, ou seja, apenas quando observamos os aspectos escritos. Mas, de fato, o Português Europeu e o Brasileiro apresentam profundas diferenças. O sistema fonético-fonológico do Português Europeu é muito distinto do nosso, com fenômenos fonéticos que desconhecemos no Brasil, como a vogal /ə/ em palavras como ['ʒêtə] (gente), por exemplo. As divergências começam no nível mais básico, o sonoro, mas não se limitam a isso. Há uma abordagem folclórica que se concentra no sotaque e nas palavras, mas as diferenças gramaticais e morfossintáticas são cada vez mais significativas, indicando um processo de afastamento entre as duas línguas. Cientificamente, já observamos um fosso considerável entre elas. A escrita ainda permite uma comunicação tranquila, mas na fala as diferenças são grandes, a ponto de filmes portugueses serem legendados no Brasil. Estudar essas diferenças é um desafio vasto e importante.

**Manuela Stefani:** Você considera que o Português Brasileiro está passando por um momento de inflexão, com a língua escrita se distanciando da falada?

**Marcos Bagno:** A escrita sempre foi mais conservadora e não acompanha as mudanças na língua falada, o que é comum em todas as línguas com longa tradição nessa modalidade. Em idiomas

com uma história rica e grande produção literária, essa característica é ainda mais forte. O português escrito no Brasil ainda segue um padrão estabelecido há tempos, inspirado nas práticas do Português Europeu, especialmente desde o Romantismo. No entanto, pesquisas mostram que o nosso padrão já começa a refletir as mudanças da língua falada, ainda que a norma padrão permaneça mais rígida. Ao analisarmos a língua escrita espontânea, como a jornalística e a acadêmica, percebe-se uma grande aproximação do que realmente falamos e escrevemos. É impossível deter a mudança linguística e essas transformações certamente continuarão influenciando a escrita enquanto a língua estiver viva. Tenho desenvolvido alguns trabalhos que demonstram como as características morfossintáticas e gramaticais do Português Brasileiro aparecem nos gêneros escritos mais monitorados.

**Manuela Stefani:** Do ponto de vista da designação, em sua opinião, há indícios de que chegaremos a um momento em que nossa língua será reconhecida apenas como "Brasileiro"?

**Marcos Bagno:** Esse aspecto independe da atuação dos linguistas e está mais relacionado a fatores políticos, ideológicos e culturais. Existem línguas muito diferentes que compartilham a mesma nomeação por questões culturais e políticas, enquanto outras muito semelhantes detêm nomes diferentes pelo mesmo motivo. No Brasil, o fato de já nos referirmos como "Português Brasileiro" sinaliza um caminho futuro. Se ainda existir planeta daqui a 100 ou 150 anos, pode ser que seja chamada apenas de "Brasileiro". Isso depende da dinâmica social e da estrutura política do país. Na década de 1930, por exemplo, havia um projeto no Congresso Nacional para oficializar essa mudança, mas ele foi esquecido durante a ditadura Vargas. A

denominação de uma língua é uma questão essencialmente política e ideológica.

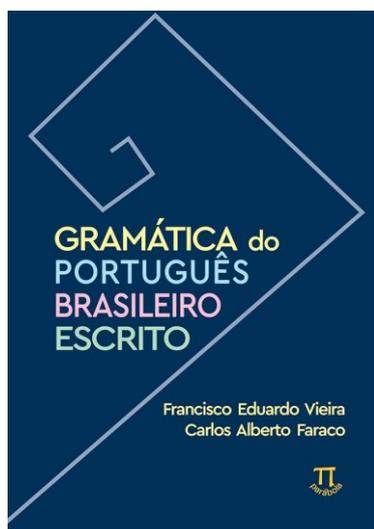
**Maria Fernanda Araújo:** Levando em consideração a presença crescente do país no cenário internacional, você acredita que o português falado no Brasil poderá influenciar o modo de falar e escrever do Português Europeu?

**Marcos Bagno:** O Brasil tem uma relevância geopolítica e geoeconômica muito maior que Portugal. Somos a décima economia do mundo com uma população de 200 milhões e um papel importante no cenário internacional. No entanto, o país nunca desenvolveu uma política linguística consistente para promover a expansão do Português no exterior, ao contrário de Portugal, que investe bastante nesse sentido. Este último possui o Instituto Camões, por exemplo, que conta com professores de Português em várias universidades do mundo, além de produzir materiais didáticos e oferecer bolsas de estudo. Os portugueses têm uma política de propagação da língua muito mais dinâmica e presente que a do Brasil. Precisamos melhorar a difusão da língua para que o Português Brasileiro seja mais conhecido e valorizado no resto do mundo. Não podemos confiar apenas no tamanho do país para garantir que a nossa língua seja aprendida e estudada fora.

## Bloco II - Características específicas do Português Brasileiro

**Francielle Ramos:** Tenho duas perguntas relacionadas. A primeira é: em seu livro *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa* (2001), bem como na *Gramática do Português Brasileiro Escrito* (2023), de Vieira e Faraco, defende-se que os textos da imprensa e da academia devem ser referências para o uso do Português Brasileiro. No entanto, esses campos abrangem uma variedade de gêneros. Quais devem ser tomados, especificamente, como fontes de dados? A segunda pergunta é: qual seria o impacto de não se usar a literatura brasileira contemporânea como referência na descrição linguística?

**Marcos Bagno:** Realmente são duas perguntas bem entrelaçadas, mas praticamente uma só. A linguística moderna, a partir do início do século XX, determinou que o foco de investigação é a língua falada. Durante séculos, a língua escrita, especialmente a literária, era o modelo a ser seguido. Essa realidade impactou fortemente o ensino e a concepção de língua. A própria disciplina gramatical, que nasceu trezentos anos antes de Cristo, foi criada justamente para estudar a língua literária. A grande virada da linguística moderna foi deixar de lado a escrita e concentrar-se na fala. Quando, já mais adiante, nos anos 80, começou a se reconhecer a importância de estudar a escrita também, ficou claro que a literatura ficcional não seria o objeto ideal, pois os escritores tendem a criar um estilo próprio, muitas vezes desafiando as normas gramaticais. Eles não podem servir como base para o estudo do que está em uso hoje. Em 1985, o professor Mário Perini já afirmava que não deveríamos nos prender à tradição de estudar a língua da literatura, mas sim a outros gêneros, como os textos jornalísticos e os acadêmicos, que melhor refletem a norma. Essas duas fontes são fundamentais para o estudo



atual da escrita. Como você mencionou, a gramática de Vieira e Faraco utiliza esses gêneros como base para estabelecer uma norma escrita brasileira. É claro que não significa que a literatura não seja relevante, ela é maravilhosa, inclusive é possível investigar o impacto da língua falada na escrita literária contemporânea, especialmente a partir do Modernismo. Muitos autores contemporâneos tentam incorporar a fala em suas obras. No entanto, quando o objetivo é estudar a língua falada é necessário trabalhar com exemplos autênticos, gravados e espontâneos. E, para estabelecer uma norma escrita que sirva para todo mundo, os gêneros acadêmicos e jornalísticos são as melhores fontes. Durante muito tempo, a tradição era que uma pessoa deveria tentar escrever como se fosse se tornar um grande escritor, o ensino seguia esse raciocínio. Por causa disso, tentou-se formar profissionais da escrita, o que é completamente absurdo. Os escritores são uma parcela pequena da sociedade, eles são artistas e não devem possuir nenhum tipo de freio na sua produção, mas não podemos querer obrigar todas as pessoas a serem escritores. Só se levarmos, realmente, a ideia de “escritor” a categoria de “produtor de gêneros escritos”. Já é uma tradição da linguística moderna não levar em consideração, para pesquisa, a escrita literária.

**Denise Lino:** No caso dos textos da academia e da imprensa, usados como *corpus* para a descrição da norma escrita, há preferência por algum gênero específico? Por exemplo, uma reportagem ou entrevista, que têm mais tempo de elaboração, seria preferível a uma notícia? Da mesma forma, na academia, há gêneros como o pôster, com uma escrita mais topicalizada, e o artigo acadêmico mais denso, publicado em uma revista A1. A pergunta é: qualquer gênero pode ser utilizado independentemente do tamanho e das etapas de revisão?

**Marcos Bagno:** Você falou muito bem: o jornal é uma verdadeira constelação de gêneros. Temos desde horóscopos até editoriais, passando por colunas autorais e reportagens. Geralmente, os editoriais e as reportagens mais longas, que abordam um tema de maneira aprofundada, são os gêneros escolhidos, pois é evidente que não usaríamos horóscopos ou quadrinhos como base para uma norma escrita. Esses não são os gêneros que nós compreendemos como os mais monitorados. Na escrita acadêmica, por sua vez, encontramos uma maior quantidade de gêneros que são naturalmente mais monitorados, desde resenhas até artigos e dissertações. Por isso, praticamente todos servem como fonte para estudar o que está acontecendo na língua escrita atual, dentro dessa ideia de estabelecer uma norma de referência.

**Nielson Rodrigues:** No livro *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa* (2001), o objeto nulo é apresentado como uma característica da pronominalização na fala culta dos brasileiros. Você apontaria a influência dessa tendência igualmente nos textos escritos mais formais e também nas situações de fala formal?

**Marcos Bagno:** Sim, o Português Brasileiro causa espanto nos linguistas de outros países que vêm estudá-lo, pois é único entre as línguas românicas que não retoma o objeto direto de terceira pessoa com um pronome. Dizemos em Português: “Comprei o livro, ainda não li, mas já emprestei”, algo impossível no espanhol, catalão, galego, italiano, francês, etc, que sempre exigem o pronome. Essa é uma característica fundamental da nossa gramática. Contudo, na escrita, que é mais conservadora e até mesmo para não prejudicar a coesão e a coerência do texto, ainda usamos bastante a retomada do objeto por pronomes. Na fala formal, que frequentemente se baseia na escrita, essa retomada também ocorre com mais frequência. Quando vamos realizar uma

apresentação ou uma conferência é comum levarmos um texto escrito como base, mesmo que não tenhamos exatamente a pretensão de lê-lo. Então, nessa circunstância, os pronomes de terceira pessoa do objeto direto, aparecem com muita frequência. Porém, já observamos a ausência de pronome mesmo em textos formais. Eu mostrei isso no meu livro de 2001. Embora já não lembre dos detalhes, mas como eu me conheço, provavelmente têm exemplos de textos escritos em que não aparece o pronome. Portanto, na língua falada espontânea, já é uma regra, mas na escrita monitorada ainda aparecem casos dessa natureza.

**Breno Andrade:** No seu livro intitulado *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa* (2001), especificamente no capítulo de número quatro “Eu consolo ele, ele me consola” são abordadas as principais estratégias de pronominalização, identificando a recorrência da retomada do objeto por um pronome do caso reto. Como exemplo, menciona-se um trecho de Clarice Lispector. Sobre o assunto, você acredita que essa tendência tem se consolidado entre os grandes autores atuais ou ainda existe certa resistência por parte deles?

**Marcos Bagno:** Como mencionei anteriormente, essa tendência aparece em muitos autores a partir do Modernismo. Embora esse movimento literário tenha mais de 100 anos, trouxe uma tentativa de incorporar a fala brasileira à literatura. Isso foi especialmente forte na poesia dos primeiros modernistas, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Drummond, que buscaram trazer uma ideologia nacionalista para suas obras, principalmente, refletindo as características do Português Brasileiro. Mas, justamente porque o trabalho literário varia muito de um sujeito para outro, você vai comparar autoras e autores que são muito diferentes entre si. No

entanto, cada escritor tem um estilo próprio, como Clarice Lispector e Jorge Amado, por exemplo, que pertencem a universos muito distintos. No caso de Jorge Amado há uma tentativa de reproduzir a fala baiana em suas obras, enquanto outros escritores adotam um estilo mais formal. Portanto, a variação entre autores é muito grande. Hoje já vemos muitos escritores contemporâneos tentando incorporar a fala brasileira em suas obras, mas isso depende muito de cada autor.



### Bloco III - Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa

**Jaíne Gomes:** Pensando na sua trajetória enquanto pesquisador e no posicionamento assumido em alguns de seus textos em defesa do contato com as línguas africanas e suas contribuições ao Português, gostaríamos de saber: como conciliar a abordagem dos aspectos históricos da língua com a apresentação de regularidades emergentes desse contato para alunos de Ensino Médio?

**Marcos Bagno:** Sinceramente, acredito que esse tema não precisa ser abordado de forma aprofundada na educação linguística do Ensino Médio. Podemos, sim, apresentar essas influências de forma não especializada porque são mais do que

influências, elas estão na própria formação do Português Brasileiro. Durante os 350 anos de escravização, milhões de pessoas africanas linguisticamente plurais foram trazidas para cá. Além disso, esses indivíduos, por um longo período, representaram a maior parcela da população brasileira. O Português que foi retrabalhado, regramaticalizado por essas pessoas, acabou se tornando a base principal da língua que falamos hoje. Portanto, a presença africana na nossa língua é profunda e estudos recentes continuam explorando essa questão. Vocês de Campina Grande não falam [ˈtʃiɐ] (tia) ou [bõˈdʒiɐ] (bom dia), mas essa pronúncia palatalizada, comum em muitos lugares do Brasil, é atribuída a fala de africanos que para cá vieram. Além do vasto léxico, eles trouxeram a própria gramática. Muitos aspectos que diferenciam o Português Brasileiro das outras línguas românicas e até do europeu são hoje atribuídos ao substrato africano. No Ensino Médio, podemos abordar isso, assim como o impacto das línguas indígenas, sem aprofundamentos excessivos, pois a sala de aula não é o espaço para uma pesquisa detalhada. Então, nós podemos dizer para os alunos até como uma luta contra o racismo: “Olha, nossa língua é profundamente africana, existem trabalhos muito importantes que mostram isso, não só no grande número de palavras que nós herdamos dessas línguas, mas também na morfossintaxe, na gramática do Português Brasileiro”. Podemos dar exemplos, desde que haja acesso a esses trabalhos, mas com cuidado para não transformar a aula em uma investigação linguística.

**David Naamã:** Em seu livro *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa* (2001) há propostas de pesquisas guiadas junto aos estudantes, como a comparação de excertos extraídos de dois *corpus* e a reflexão sobre qual deles é mais comum no cotidiano. Como você sugere que se dê prosseguimento à sistematização dessa discussão?

**Marcos Bagno:** Esse livro foi pensado para mostrar como a chamada norma culta, estudada por projetos como o NURC, se distancia daquela ideia rígida de norma-padrão que existia no Brasil. Por isso, escolhi comparar dois universos linguísticos: a fala culta do NURC e a escrita jornalística, destacando suas semelhanças e divergências. Para mostrar também que não existe essa diferença tão radical entre fala e escrita, que até hoje permanece na cabeça das pessoas, assim como demonstrar que são modalidades diferentes, mas que apresentam características muito próximas. O livro, na verdade, deriva da minha tese de doutorado, na qual fiz uma análise semelhante, buscando evidenciar como a escrita monitorada já incorpora elementos da fala espontânea brasileira. Nos exemplos que apresento, minha intenção é mostrar que os fenômenos gramaticais vistos como “erros” já estão perfeitamente incorporados tanto na fala quanto na escrita, inclusive entre falantes com maior escolaridade. Minha luta é para acabar com essa ideia de que essas mudanças linguísticas são “erros”. Desde a publicação dessa obra, há quase 25 anos, muitos trabalhos avançaram nessa direção e hoje temos a *Gramática do Português Brasileiro Escrito* (2023), de Vieira e Faraco, que sintetiza mais de cinco décadas de pesquisa. É um marco que mostra que muitos aspectos antes considerados incorretos já foram incorporados à nossa norma de referência e a tendência é seguir nessa direção.

**Valbiana Rocha:** Que tipo de metodologia você considera mais adequada para auxiliar os alunos a construir uma consciência linguística do Português Brasileiro?

**Marcos Bagno:** A formação de professores precisa ter uma base sólida em teorias linguísticas. É essencial que os docentes conheçam áreas como Sociolinguística, Pragmática, Análise do Discurso, além das características gramaticais e fonéticas da língua. No entanto, nosso objetivo não é formar linguistas, mas cidadãos que possam seguir em diversas outras carreiras. Nós, linguistas, somos uma minoria da minoria e temos uma relação diferente com a língua: queremos saber tudo, investigar tudo, mas isso é o nosso trabalho, nosso campo de estudo. O ensino de gramática tradicional, por muito tempo, parecia concentrado em formar professores, o que não faz sentido. Aquele ensino, por outro lado, não pode ser substituído por teorias linguísticas, por exemplo. Devemos fazer uma distinção clara entre o que é relevante para o professor e o que é necessário para o aluno. Os docentes precisam de uma boa formação para compreender o que acontece em sala de aula e ensinar os aspectos essenciais da língua sem mergulhar em terminologias e teorias complexas.

**Marta Lídia:** Quais gêneros do universo digital você considera mais produtivos para trabalhar em sala de aula as características do Português Brasileiro?

**Marcos Bagno:** Essa pergunta é bastante complexa. Quando eu escrevi o livro citado anteriormente, em 2001, o impacto da vida digital ainda não era tão significativo. Hoje, esse universo gera uma quantidade imensa de textos de diferentes gêneros. Podemos utilizá-los para demonstrar como a língua está em constante mudança. Como os acontecimentos são muito imediatos, os

sujeitos não possuem tempo de corrigir, rever a ortografia então a maioria dos memes apresenta desvios ortográficos, por exemplo. Não tenho ainda uma reflexão completa sobre o impacto dessa linguagem digital no ensino, mas é algo que não podemos ignorar. Cada vez mais, nossos alunos estão imersos nesse ambiente e precisamos aprender a trabalhar com ele. A educação não pode se prender a métodos antigos e deve abraçar as mudanças trazidas pelas novas tecnologias e redes sociais ou o ensino se tornará obsoleto e desinteressante.

**Nathália Gabriele:** Em que momento deve-se começar a ensinar e sistematizar o Português Brasileiro escrito: no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio? Quais são os desafios enfrentados pelos educadores ao ensinar o Português Brasileiro escrito na educação básica?

**Marcos Bagno:** Essa é uma questão bastante complexa e ainda continua a ser debatida. Durante muito tempo, o ensino de gramática foi baseado na escrita literária, mas o que fazemos agora, no ensino linguístico, é uma pergunta que está sendo respondida gradualmente nos últimos 25 a 30 anos. Propostas mais recentes, como as que partem da noção de letramento, são fundamentais. Nosso objetivo é introduzir o aluno na cultura letrada, o que implica ler, escrever, reescrever e reler. Nesse processo, a reflexão gramatical deve estar presente, mas não como era feito antes, com foco em terminologias sem contextualização prática. A leitura e a escrita, especialmente nos primeiros anos de formação, devem ser a base da educação linguística. Alguns livros didáticos, como os organizados por Magda Soares, já seguem essa linha, mostrando a língua em funcionamento através de textos reais. Quando eu era estudante, o ensino funcionava da seguinte forma: a professora entrava na sala e começava a listar preposições que precisávamos

decorar, sem compreender, de fato, a sua função. O foco não estava em explicar o papel das preposições dentro da construção textual, o que seria essencial, já que elas são elementos fundamentais do ponto de vista semântico. O ideal seria estudar o uso desses elementos em textos autênticos, tanto orais quanto escritos. Todavia, essa abordagem metodológica é relativamente nova e a maioria dos professores que se formam ainda não têm acesso a ela. Sabemos que cerca de 80% dos docentes graduam-se em faculdades particulares, onde a metodologia ainda segue um modelo tradicional com ênfase na memorização de regras gramaticais, sem o respaldo de uma pesquisa linguística aprofundada. Esse contexto, de fato, dificulta o avanço. Por outro lado, nós, que estamos nas universidades públicas, temos a responsabilidade de promover o que há de mais avançado no campo da pesquisa linguística, ou seja, o que se considera como estado da arte.

**João Marcos:** Considerando o aumento das investigações sobre o Português Brasileiro nos últimos anos, você acredita que, com esses avanços, há a possibilidade futura de o ensino dessa temática aparecer nas questões do maior sistema avaliativo do país, o ENEM?

**Marcos Bagno:** Acredito que sim, pois, excluindo os últimos quatro anos de retrocessos que afetaram o país, as avaliações e programas, como os de livros didáticos, sempre contaram com a colaboração de linguistas e educadores dos principais centros de pesquisa do Brasil. Desde o governo de Fernando Henrique Cardoso, na década de 1990, com a introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a criação do Programa Nacional do Livro Didático e a Base Nacional Comum Curricular, todas essas iniciativas, incluindo o ENEM, foram baseadas em pesquisas sólidas. Nos documentos oficiais mais recentes é possível observar a forte presença dessas

teorias e pesquisas, o que certamente impacta no ensino, especialmente nos materiais didáticos. Ao analisarmos os manuais dos professores, percebemos que há uma integração clara do conhecimento gerado por essas pesquisas, o que considero extremamente relevante. Já possuímos, no Brasil, um vasto trabalho de descrição do Português Brasileiro. Um exemplo notável é o *Projeto Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, composto por vários volumes que reúnem pesquisadores de todo o país e de diferentes abordagens teóricas. Aqueles que se dedicam ao ensino precisam ter uma formação teórica consistente e entender o que está acontecendo no campo da linguística, recorrendo às pesquisas mais recentes. Devemos ler essas coisas com farinha, temos que comer a pesquisa linguística recente com farinha e rapadura. No entanto, essa formação é essencial para nós, como educadores e pesquisadores e não deve ser transmitida diretamente aos alunos de forma excessivamente técnica. O objetivo é que, enquanto formadores, estejamos atualizados e preparados para adaptar esse conhecimento ao contexto educacional. Quem vai se dedicar ao ensino tem que ter uma sólida formação teórica, uma formação linguística, tem que saber o que está acontecendo, recorrer a essas pesquisas.

**Beatriz Almeida:** Para concluir, Professor, retomamos seu texto intitulado *Tarefas da educação linguística no Brasil* (2005) que foi publicado há quase duas décadas e ainda é bastante atual, já que ainda enfrentamos a lacuna entre o que se postula nas academias e o que é ensinado na educação básica. Você acrescentaria algo à definição que cunhou para a educação linguística ou incluiria mais algum eixo, dadas as novas demandas da nossa sociedade?

**Marcos Bagno:** Sem dúvida, toda discussão sobre educação precisa ser

atualizada constantemente. Quando esse texto foi escrito ainda não enfrentávamos a explosão digital e o impacto das novas tecnologias. Hoje, a vida digital e as redes sociais precisam ser incluídas na lista de tarefas da educação linguística. Isso nos desafia, especialmente a minha geração, pois vocês, mais jovens, já dominam esse universo digital com muito mais fluidez. É a primeira vez na história que uma geração mais nova tem um conhecimento específico maior do que a anterior. Precisamos reconhecer isso com humildade e entender que o acesso ao conhecimento mudou. Antigamente, precisávamos ler livros inteiros para aprender algo, enquanto hoje uma pesquisa rápida na internet já traz respostas. Essa transformação social e tecnológica precisa ser levada em consideração tanto nos estudos sociológicos quanto nos educacionais. Vimos, por exemplo, durante a pandemia, como o celular foi essencial para as aulas online, permitindo que, mesmo com dificuldades, muitos alunos conseguissem acompanhar o ensino. Portanto, esse texto pode ser revisitado e criticado à luz dessas novas realidades.

### Referências

BAGNO M, RANGEL E de O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Rev bras linguist apld[Internet]**. 2005;5(1):63–81. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000100004>

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** (um convite à pesquisa). São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

VIEIRA, F.E. e FARACO, C.A. **Gramática do português brasileiro escrito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2023.